

# E o Brasil virou notícia

6 JUL 1983

**Buenos Aires ou Rio de Janeiro? Era a dúvida da maioria dos jornalistas estrangeiros que, eventualmente, precisavam citar a capital do Brasil, o país da selva, do futebol e do carnaval. A situação mudou: hoje é o país da dívida externa e da abertura política, observado pelos europeus e norte-americanos. E, para os correspondentes estrangeiros, é um país de notícias, muitas notícias. Tanto assim que as agências internacionais estão enviando maiores reforços e, ao mesmo tempo, deslocando do Rio de Janeiro para Brasília seu centro de operações. Enfim, o mundo descobriu nossa capital.**

**GILBERTO DIMENSTEIN**  
Da Editoria Política

Num português impecável, o jornalista Yuri Belpalko, correspondente da Tass no Brasil, a principal agência noticiosa da União Soviética, informa: "Há negociações para que venham mais jornalistas soviéticos trabalhar no Brasil. Está crescendo — e muito — o interesse pelo País". Belpalko orgulha-se: "Mando em média 100 matérias por mês e consigo um bom espaço na imprensa". De fato, uma façanha: os jornais soviéticos, como Pravda e Izvetzia, ambos com uma tiragem conjunta de 20 milhões de exemplares, têm poucas páginas, tornando mais árdua a luta pelo espaço.

Há pouco tempo, Belpalko escreveu uma matéria ampla sobre o Brasil. Era um texto otimista, mostrando o esforço do povo e do Governo para ultrapassar a crise. "Recebemos uma mensagem de congratulações do Itamarati", assegura Belpalko. E eis uma afirmação no mínimo curiosa: "Nesse tempo de crise devemos sublinhar o lado positivo da luta brasileira para escapar da miséria. Queremos ter um bom relacionamento com o Brasil", diz. Aliás, essa preocupação é tão grande que o correspondente da Tass não enviou nenhuma linha sobre os saques.

De qualquer forma, os tempos de crise vêm causando uma maior cobertura internacional a respeito do Brasil. Tanto assim que as agências internacionais de notícias estão designando mais jornalistas para viver em Brasília, deslocando seu eixo de operações do Rio de Janeiro. "O Distrito Federal tornou-se o maior bolsão de notícias do País" afirma o correspondente da France Press em Brasília, François Casteran. A France Press estuda meios para transferir para o Distrito Federal sua matriz. A Reuters, agência inglesa, porém, já se adiantou. Enviou para correspondente-chefe no Brasil Alain Reddit, ex-correspondente nos mais distantes pontos do mundo, como Cingapura, Nigéria, Malásia. "A dívida externa projetou o Brasil no mundo", diz Reddit.

## FIM DO FOLCLORE

A mudança foi realmente radical. Antes a grande dúvida entre muitos jornalistas estrangeiros era saber se o Brasil tinha como capital Rio de Janeiro ou Buenos Aires. Hoje, nota-se, em jornais americanos, o nome do ministro do Planejamento, Delfim Netto, ser escrito com dois "ts". Mesmo o novo presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, consegue manter seus dois "fs".

Mesmo assim, ainda reina, sobretudo nos Estados Unidos e Europa, muito desconhecimento sobre o Brasil. O mais antigo dos correspondentes baseados em Brasília, Guillermo Piernes, da UPI, que já trabalhou em Washington, comenta: "Ainda existe uma certa ignorância. Muitas vezes tento explicar, mas não convengo ninguém, de que Brasília não fica no meio da selva. Ainda existe aquela imagem de aventura amazônica. Tanto assim que muita gente deve ter ficado meio confusa

quando mandamos notícias sobre a seca. Afinal, não poderia haver pessoas morrendo de sede". A correspondente da Associated Press, Bryna Brennan, deve ter criado ainda mais "confusão": realizou uma matéria sobre o Sul do Brasil. "É difícil para algumas pessoas entenderem que há neve no País". Como os demais correspondentes, Brennan acha que o jornalista estrangeiro no Brasil tem uma função básica: "Esclarecer, para seus milhões de leitores, o País em que trabalham. O Brasil não é carnaval, samba, futebol".

Havia uma grande figura: Pelé, o brasileiro mais conhecido no Exterior. "Agora pode-se dizer que Delfim é, nos meus financeiros, tão conhecido como o jogador. Arrisco dizer que o Delfim é o Pelé dos meus financeiros". Aliás, quase toda referência ao Brasil era folclórica: o indivíduo que vendeu o olho, as mulatas sambando na avenida.

## ABERTURA

O correspondente da Reuters, Renne Villegas acha, porém, que a América Latina sempre manteve-se mais informada a respeito do Brasil. "Sobretudo com a abertura política. A partir daí todos os países latinos

**Yuri Belpalko, da Tass: "Mando em média 100 matérias por mês"**

passaram a ter no Brasil um exemplo, vendo a transição pacífica para a democracia. Quando viajo para algum país de nosso continente, noto que há muita gente bem informada". Piernes acha que o processo de abertura merece muita atenção mundial: "São raríssimos os casos de transição pacífica de um sistema autoritário para a democracia. Um sistema lento, curiosamente lento". Aliás, não fosse essa lentidão, admite Piernes, já estaria em outro país. "Afinal, seria muito difícil para outro correspondente entrar no meio do problema, pois há toda uma complexa evolução gradual".

François Casteran afirma que também para sua agência o tema abertura é excelente. "O ponto máximo de nossa cobertura, o material que ganhou maior repercussão, foi no período das eleições para governador". Acrescenta Villegas: "Todos os jornais latino-americanos deram amplo destaque para o processo eleitoral". E diz mais: "É preciso não esquecer que, ao mesmo tempo, a diplomacia brasileira voltou-se com maior intensidade para o próprio continente".

## O GRANDE ASSUNTO

Se a imagem do País no cam-

po político melhorou, o mesmo não se pode dizer da área econômica. "Vale a pena notar esse fenômeno. Durante algum tempo, as notícias políticas sobre o País relacionavam-se com o autoritarismo. A imagem política estava ruim, mas em compensação a imagem do processo econômico era ótima. Agora a situação está invertida", comenta o correspondente da agência italiana Ansa, Walter Sotomayor. "A imprensa mundial está demonstrando diariamente os fatos que compõem um efervescente caldo de descontentamento na sociedade e tudo isso afeta a credibilidade".

"Quase tudo o que mandamos sobre dívida externa é publicado, assegura Casteran. "Pela força do Brasil no continente, as consequências do processo eco-

**Piernes, da UPI:**  
**"A dívida projetou o Brasil mais do que Pelé"**

nômico podem influenciar pesadamente o mundo", complementa Bryna Brennan. E Guillermo Piernes afirma: "É possível dizer que a dívida externa projetou mais o Brasil de que Pelé".

## EDITORIAIS

De fato, os principais jornais no mundo especificamente o New York Times e o Washington Post, produziram vários editoriais sobre a dívida externa brasileira, ambos aconselhando uma maior flexibilidade dos países desenvolvidos. "As consequências dessa dívida brasileira são delicadas para o mundo desenvolvido", afirma Reddit. "Por isso, nossa maior preocupação são os assuntos de economia", comenta Bryna.

Para os países desenvolvidos é óbvio o interesse sobre esse tema — afinal, são os que esperam receber o que emprestaram. "Para os latinos há outro enfoque. Seus países passam por problemas semelhantes e eles querem saber como proceder. Um gesto do Brasil, como já aconteceu várias vezes, é rapidamente copiado". Piernes acha que essa mistura de abertura política e crise econômica tornou o Brasil ainda mais excitante do ponto de vista jornalístico: "Essa conjugação de fatores deixou mais complexo o processo de abertura". Um dos grandes momentos do correspondente da UPI, que já cobriu a queda de Richard Nixon quando trabalhava em Washington deve-se, porém, à nossa dívida. Ele teve um artigo assinado no Washington Post analisando as dificuldades brasileiras para enfrentar seus débitos.

## FUTEBOL

É claro, os temas, digamos, folclóricos, não foram abandonados. Correspondente estrangeiro no Brasil tem de cobrir futebol. "É um assunto obrigatório", afirma Casteran. "Em todo o mundo há interesse pelo futebol brasileiro. Tanto assim que o Parreira aparece várias vezes nos jornais do exterior", comenta Villegas. Para Piernes o jornalista consegue cobrir futebol com razoável imparcialidade durante algum tempo. "Depois a coisa muda. Em breve, ele torcerá por algum time. E, de repente, a notícia pode não ficar exatamente neutra. Num belo dia, pode aparecer a

notícia de que o traçoireiro Vasco, apolado abertamente pelo juiz, venceu desonestamente o altivo Flamengo", brinca Piernes.

Carnaval é um bom assunto; não há ano em que um amplo material não seja enviado, mostrando as mulatas sambando na avenida. Amazônia não fica atrás; a selva ainda exerce fascínio sobre os americanos e europeus. "Um dos traços que atrapalham uma correta visão sobre o Brasil é a Amazônia. Muita gente pensa que o Brasil é só Amazônia. Em filmes americanos era muito comum o personagem dizer que iria para o Brasil, pois queria se esconder, fugir do mundo", comenta Piernes. A correspondente da AP Bryna Brennan, ganhou destaque na imprensa internacional com uma matéria sobre um supermercado flutuante na Amazônia. "Esse tipo de assunto merece muita atenção", diz ela, acrescentando: "Mas também causou interesse uma reportagem que fiz sobre o Sul desenvolvido".

## MUITAS NOTÍCIAS

Nesse ano, os correspondentes não podem reclamar de falta de assunto. Houve a retenção de armas transportadas por aviões líbios, um grande tema de repercussão internacional que durou várias semanas, chegando num ponto sensível: a América Central. Além disso, reteve-se no Brasil um avião inglês, o que obrigou uma cobertura especial do correspondente da Reuters.

O País ofereceu dramas pesados: as enchentes ao Sul e a seca do Nordeste. "A seca impressionou muito a imprensa estrangeira, porque gerou manifestações de muito desespero e sofrimento, além de saques", comenta Piernes. Grande destaque merecem os saques nos supermercados do Rio de Janeiro como mereceu espaço o quebra-quebra ocorrido em São Paulo em abril. "Resolvemos colocar saque como parte de nossa cobertura econômica", afirma Bryna.

Trata-se de um tema agradável e novo: a força do Congresso. A rejeição do Decreto-lei 2.024 teve muita repercussão na imprensa estrangeira. "O Congresso passou, de fato, a ser notícia", diz Casteran. "Foi o ápice", opina Piernes. Mas um fato em particular fez com que o Congresso ganhasse notoriedade: o cacique-deputado Juruna. "Mexer com o Juruna é excitar o interesse da opinião pública mundial. Ele resume aquela visão amazônica misturada ao processo de abertura política", diz Piernes.

Casteran diz que Juruna é uma notícia que ganha espaço: "Durante as eleições ele foi a grande figura na França, mereceu meia página do Le Monde. Teve mais repercussão que Brizola ou Montoro". Eis um aviso da maioria dos correspondentes: o governador Leonel Brizola já não tem o mesmo charme, perdeu sua atração na imprensa internacional.

Curiosamente, um assunto está em baixa, merece pouquíssima atenção: sucessão presidencial. "Está só na fase de especulação", afirma Bryna, acrescentando: "fato de maior destaque foi o lançamento da candidatura Andreazza. Era um fato concreto". Villegas acha que vai demorar ainda para que a sucessão atinja, de fato, a imprensa estrangeira. "É difícil explicar para um boliviano, por exemplo, essa sucessão. É algo que só se vai decidir daqui a alguns anos. Lá eles dormem com um presidente e acordam com outro". A rigor, também não é muito fácil explicar para os brasileiros.